

AMANDA MARTINS/DIVULGAÇÃO/JC



Na órbita cultural da capital gaúcha, bandas como Viana Moog, artistas, selos e produtores edificaram, ao longo de décadas, redes próprias na Região Metropolitana

músico e também canoense Luiz Paulo Zanolato, o Cisco, percebeu uma situação que se repetia nos shows, festivais e espaços independentes da Região Metropolitana. “Bah! Só a gente de preto aqui de novo!”, pensava, ao se deparar com a recorrência.

A constatação passou a causar incômodo: a falta de representatividade negra entre os artistas locais já não podia ser ignorada. Conspirando com os comparsas Dionata Mosley e Aleph Brasil, começou a ganhar força uma então ainda latente provocação: “Quando vamos montar uma banda de negro?”. E assim nasceu a Fungo Preto. A formulação estética (e teórica) forjada pelos integrantes, todos negros, partiu do afrofuturismo e do afropresentismo. Na musicalidade, por sua vez, reverberam inspirações como Boogarins e Oruã.

A experiência racial também atravessa a trajetória do trio, marcada pelo colorismo e pela sensação de não pertencimento. “Somos pretos demais para sermos brancos e brancos demais para sermos pretos.” A frase de Cisco condensa uma das contradições que atravessam essa história: estar entre lugares, códigos e identidades sem se reconhecer inteiramente em nenhum deles. É desse atrito que nasce a ideia de *Negrogaze*, primeiro EP do grupo, previsto para o início de 2027, com quatro faixas instrumentais. O título, um trocadilho com o esbranquiçado *shoegaze*, transforma a própria experiência em linguagem.

Ao evocar o bageense Luís Vagner, o Guitarrero, Cisco encontra ainda outra chave para essa afirmação. Em alusão ao álbum lançado pelo músico em 1993, Cisco recorre a um verso que parece dialogar com a própria questão que percorre este mapa: “Vai dizer que não me viu?”. Talvez seja justamente essa a reivindicação que atravessa as diferentes gerações retratadas aqui: não apenas criar a partir de outro território, mas fazer com que ele seja finalmente visto, ouvido e, principalmente, reconhecido.

Reportagem Cultural

Cartografia Sônica de um Vertiplano Marginal

Cristiano Bastos, especial para o JC

“Eu era um degredado de São Hell.”

A declaração de Everton Cidade, poeta, compositor, agitador cultural e fundador de bandas como Viana Moog, Santo Suzuki e Siléste, sintetiza uma experiência que atravessou boa parte da produção musical vicejada em municípios do entorno de Porto Alegre. Crescido em São Leopoldo, no Vale do Sinos, Cidade conheceu cedo a sensação de estar perto da Capital, mas não pertencer inteiramente à sua dinâmica cultural. Roupas, cabelo, gírias e modos de circular podiam denunciar uma origem que não se encaixava. “Antes mesmo de subir em um palco, reinava a sensação de já chegar derrotado”, reflete.

Essa experiência à margem encontra uma espécie de significação no título de uma feérica

gema poética de Everton. *Vertiplano*, cáustica canção presente no primeiro álbum da Viana Moog (recentemente saíram-se com o elogiado *extended play* intitulado *PU*) oferece uma imagem precisa para esse lugar intermediário, cambiante entre a possibilidade de elevação com a quase certeza de quedar-se no chão. Para Everton, porém, essa posição também significava reinventar.

É nesse espaço entre a periferia e o centro que, desde o início dos anos 1990, se insere a Big Zen VooDoo. A banda forjou sua identidade a partir da vivência periférica, sem se limitar a ela. O guitarrista César Fraga descreve sua orientação estética como um “som suburbano de olho no mundo”, capaz de incorporar contradições, personagens e influências provenientes de diferentes vertentes culturais.

Tão longe, tão perto da mo-

vimentação musical de Porto Alegre e de outras capitais, a Big Zen VooDoo também se manteve próxima da tradição do chamado ‘rock gaúcho’. Transformou, porém, o ‘despertencimento’ em matéria de criação.

Nos anos 2000, levou essa proposta adiante de forma independente e alcançou certa projeção com a divulgação e a distribuição nacional de seu segundo álbum, *A Revolta dos Homens-Sanduíche Contra o Império do Fast Food*.

Originária de Guaíba, a Superguidis seria posteriormente lançada nacionalmente, com grande projeção. Na avaliação de Andrio Maquenzi, guitarrista e compositor do grupo, fazer música a partir de Guaíba produzia, naquela época, uma combinação de pertencimento e “marginalidade”.

“Ter uma banda morando longe da Capital dava um senti-

mento massa de pertencer e estar à margem, de ser uma condição mais desafiadora à medida que ficava mais difícil acessar informação – loja de discos não tinha na Guaíba dos anos 1990-2000, com seus menos de 100 mil habitantes”, filosofa.

Tal escassez, acrescenta o guitarrista, também estimulava a criação de alternativas. Guaíba aparece, em sua lembrança, como uma espécie de New Jersey às margens de uma Nova York que se avistava do outro lado do rio. “Lá a gente vivia na nossa versão bem menos aparelhada de uma New Jersey, enquanto organizávamos festivais de rock dentro de um baillão no bairro Colina”, coteja.

Mas a construção dessas redes próprias, por outro lado, igualmente expõe, contemporaneamente, quem permanece do lado de fora. A despeito disso, o

Leia mais na página central